



UM ESTUDO SOBRE AS PRÁTICAS PEDAGÓGICAS DO CURSO DE CIÊNCIAS SOCIAIS DA UFRPE

ELISA DUARTE NASCIMENTO¹²

RESUMO

A pesquisa investiga as práticas do curso de Bacharelado em Ciências Sociais da Universidade Federal Rural de Pernambuco (UFRPE). Foi feita uma revisão bibliográfica referente à universidade latino-americana, bem como observação-participante das atividades que integram o Departamento de Ciências Sociais da UFRPE, análise documental e entrevistas. Apresenta-se aqui a percepção dos estudantes e professores acerca do curso.

PALAVRAS-CHAVE: Ciências Sociais. Práticas Pedagógicas. UFRPE.

ABSTRACT

The research investigates the practices of the Bachelor of Social Sciences course at the Federal Rural University of Pernambuco (UFRPE). A bibliographic review was carried out regarding the Latin American university, as well as participant observation of the activities that integrate UFRPE's Department of Social Sciences, document analysis and interviews. Here is presented the perception of students and teachers about the course.

KEYWORDS: Social Sciences. Pedagogical practices. UFRPE.

A Universidade na América Latina

Esta pesquisa pretendeu responder a seguinte pergunta: “A partir da análise das práticas de ensino, pesquisa e extensão do curso de Bacharelado em Ciências Sociais da UFRPE, de que forma os saberes acadêmicos do curso dialogam com os saberes populares?” Nossa hipótese foi a de que esse diálogo é insatisfatório e necessita de aperfeiçoamento. Para confirmar ou refutar essa suposição foi necessário fazer leituras sobre diversos temas como universidade latino-americana, saberes, currículos, práticas pedagógicas, etc. Logo de início é necessário refletir acerca da instituição universitária e as mudanças que ocorreram em seu modelo, sobretudo do contexto da América Latina.

Apesar de o termo universidade remeter à universalidade, a instituição universitária surge com o objetivo de formar a elite, ou seja, possuindo caráter de exclusividade e assim permanece por muito tempo. Referente ao contexto latino-americano Gregorio Weinberg

¹² Bacharela em Ciências Sociais pela Universidade Federal Rural de Pernambuco (UFRPE). Email: elisadn98@gmail.com



(2001) aponta que a universidade na América Latina foi, em um primeiro momento o que ele chama de uma “cultura imposta” já que a universidade se impôs - junto com outras instituições da metrópole - a um contexto que não estava familiarizado com ela, como resultado dos colonialismos já que as universidades hispano-americanas tiveram, a princípio, a meta de garantir uma unidade religiosa, a vinculação com a cultura da Coroa Espanhola, a formação de uma classe dirigente fiel, um sacerdócio e uma burocracia eficiente.

Uma segunda etapa, chamada por Weinberg de “cultura aceita”, se dá quando a maioria da população reconhece a importância da instituição universitária na educação formal e, por tanto, torna-se mais fácil a abertura de outras universidades. Por fim, o autor define a universidade latino-americana do século XX como “cultura discutida ou criticada”, sobretudo depois da Reforma de Córdoba¹³ que objetivou, entre outras coisas, a modernização e maior autonomia do ambiente universitário, a gratuidade, liberdade de pensamento e expressão, defesa de um governo democrático, pluralismo político, etc.

A Universidade de Córdoba nasceu em 1613 e foi estruturada com grande poder da igreja e dos setores privilegiados da sociedade, como a oligarquia rural. Com características do período colonial, seu ensino possuía traços altamente dogmáticos (enquanto eram desprezados conhecimentos e autores críticos), havia resistência às mudanças, o acesso se dava somente por meio do status familiar, não havia qualquer autonomia, nenhuma abertura social ou democracia na política interna da instituição.

A partir de 1870 começa um processo de modernização da cidade de Córdoba, toma força o movimento operário, os trabalhadores fundam associações de ajuda mútua e núcleos de pensamento livre. A chegada de imigrantes aumenta consideravelmente o número da população e, assim, tornam-se cada vez mais conflitantes o sistema de educação e a realidade local. O movimento de reforma, encabeçado por estudantes, surge das novas necessidades e sempre foi bastante heterogêneo - participavam liberais, positivistas, socialistas, anarquistas e anti-imperialistas. (NOVAES, 2012). A Reforma de Córdoba foi o ponto de partida para um processo que continua até os dias de hoje.

Tratando do contexto brasileiro vemos que as primeiras tentativas de implantação de universidade foram rejeitadas, pois portugueses e brasileiros da elite não viam necessidade de tal criação já que a classe dominante tinha preferência em realizar seus estudos superiores em instituições estrangeiras como em Portugal ou outros países da Europa. As primeiras universidades brasileiras datam do início do século XX: A Universidade de Manaus em 1909, a de São Paulo em 1911 e a do Paraná em 1912, no entanto, eram instituições

¹³ Em 2018 comemorou-se o centenário da Reforma Universitária de Córdoba que ocorreu em junho de 1918 na Universidade de Córdoba, Argentina e logo se espalhou para outras instituições do país e da América Latina. Essa reforma continha princípios para uma universidade pública, gratuita e de qualidade em uma data anterior às famosas revoltas e consequentes reformas que ocorreram na França em 1968.



livres. A primeira universidade criada pelo governo foi a Universidade Federal do Rio de Janeiro inaugurada apenas em 1920 (FÁVERO, 2006).

Também no século XX houve uma mudança no modelo de desenvolvimento brasileiro, que passa a ter seu foco na industrialização e não mais apenas na exportação, tendo como marco a década de 1930 e a chegada de Getúlio Vargas ao poder. Como resultado dessa mudança, em 1940, são criados os Institutos de Pesquisa Tecnológica nas capitais com maior densidade demográfica, ligados às universidades. O objetivo desses institutos era transferir a renda do setor agrário-exportador para o urbano- industrial. Essas mudanças são postas em prática para atender às necessidades da burguesia industrial nascente, da tecnoburocracia emergente e de trabalhadores industriais. Nesse contexto, o Estado tem entre suas metas a melhoria da educação a fim de criar uma estrutura institucional que possibilitasse a integração, capacitação da população e implantação de uma infraestrutura material que possibilitasse a modernização, assim, o ensino superior ganha força objetivando a qualificação de pessoas para o setor industrial. (NOVAES, 2012).

Nas décadas de 1960 e 1970 (no Brasil até 1985) a América Latina passa por um período de diversos governos autoritários. Nesse contexto ditatorial ocorre um importante marco na história da universidade brasileira: a reforma de 1968, que se deu a partir da mobilização estudantil que saiu às ruas em busca de medidas que solucionassem os problemas educacionais que causavam uma crise nas universidades. O resultado dessa mobilização foi a Lei 5540, de 28 de novembro de 1968 que veio declarar a autonomia econômica e didático-científica das universidades públicas do país. A reforma possuía dois princípios norteadores: um maior controle político das universidades públicas brasileiras e a formação de uma mão de obra qualificada. Dentre as mudanças ocorridas estão uma maior interação entre ensino e pesquisa, a criação da monitoria, o aumento de programas de extensão, além da unificação das unidades acadêmicas e criação da ideia de Departamento (ANTUNES, BANDEIRA e SILVA, 2013).

Segundo Boaventura de Sousa Santos (2011) os países que na década de 1980 passaram de um sistema ditatorial para o democrático, como foi o caso brasileiro, vivenciaram a diminuição do controle político sobre as universidades, mas passaram a vivenciar um outro tipo de controle: o do sistema privado. O controle estatal foi substituído pelo ideal de desenvolvimento e as melhorias seriam possíveis através do avanço do neoliberalismo e o surgimento do mercado de serviços universitários, como aponta Svartman:

No contexto de crescente mercantilização do ensino e da produção acadêmica, a adaptação da Universidade ao liberalismo tecnocrático atual diminui cada vez mais seu campo de autonomia e a possibilidade de desenvolvimento do pensamen-



to crítico, vinculando de maneira cada vez mais imediata a universidade à tarefa de aprimorar e desenvolver as forças produtivas e a coesão social (SVARTMAN, 2016).

Ambos os autores, Boaventura e Svartman, apontam a perda da autonomia universitária, pois com os cortes financeiros por parte do Estado há uma dependência cada vez maior do setor privado. O atual desinvestimento por parte do Estado na universidade pública e a mercantilização do ensino superior são processos consonantes e atuais.

Ensino, pesquisa, extensão e os saberes universitários

Vimos anteriormente que a instituição universitária surgiu com caráter elitista, mas a partir de revoluções como a de Córdoba passou por modificações. Dessa maneira, com o passar dos anos a universidade se tornou menos tecnicista e passou a ter uma maior preocupação com a formação de um pensamento crítico e mais abrangente às diferentes realidades.

Com a massificação da universidade, diferentes públicos, que não somente a elite, passaram a fazer parte dessa instituição e a reivindicar outros conhecimentos, a superação das dicotomias. O tipo de conhecimento produzido tende a alterar-se com a alteração do grupo social a que se destina. (BENZAQUEN, 2011, p.80)

Apesar das mudanças que ocorreram, o modelo universitário e os saberes transmitidos por muitas das universidades latino-americanas continuam não retratando bem sua realidade, pois ainda mantém-se o padrão de importar conhecimentos, ideias e pensadores oriundos das antigas metrópoles, que comumente possuem uma realidade bastante distinta de países que foram colonizados:

É significativo que nenhum país do Terceiro Mundo, independentemente de sua ideologia política ou sua orientação, tenha modificado substancialmente o modelo da universidade ocidental. Foram feitos esforços consideráveis para adaptar o currículo de tal forma que acomode as necessidades nacionais, mas nem isso foi completamente bem sucedido (ALTBACH, 2001, p.70).

Paulo Freire (2002) mostrava a importância de não retratar a realidade como algo parado, estático, muitas vezes distante da realidade dos educandos, pois conteúdos desconectados da realidade perdem seu significado e tornam-se alienados e alienantes. A relação entre educador e educando em sala de aula é comumente fundamentada de forma narrativa onde o saber é passado do narrador/educador e absorvido pelos ouvintes/educandos de



uma forma passiva. No entanto, essa deveria se dá de maneira dialógica onde os educandos tivessem seus saberes valorizados. Deve-se incentivar os educandos a se verem como seres no mundo e com o mundo para que entendam sua capacidade de ação na realidade.

Em diálogo com Freire, trago as reflexões de Gomes (2012) sobre a atual diversidade epistemológica que surge, sobretudo nas ciências humanas e sociais, com a chegada de pessoas das diversas classes sociais - e não mais apenas da elite - nos ambientes educacionais. Essa mudança de público causa uma alteração na articulação entre teoria e prática e traz uma discussão entre buscar se adequar às avaliações e modelos nacionais e internacionais já existentes ou fundar currículos e práticas que dialoguem com a realidade sociocultural dos estudantes. Ou ainda: continuar a ver o currículo como meio de preparo para o vestibular e mercado de trabalho ou como processo de formação de um indivíduo crítico em uma dada realidade.

Quanto mais se amplia o direito à educação, quanto mais se universaliza a educação básica e se democratiza o acesso ao ensino superior, mais entram para o espaço escolar sujeitos antes invisibilizados ou desconsiderados como sujeitos de conhecimento. Eles chegam com os seus conhecimentos, demandas políticas, valores, corporeidade, condições de vida, sofrimentos e vitórias. Questionam nossos currículos colonizados e colonizadores e exigem propostas emancipatórias (GOMES, 2012, p.99).

No meio acadêmico os saberes são apresentados aos estudantes através do tripé do ensino, pesquisa e extensão, garantido no artigo 207 da Constituição Federal de 1988, que diz que “as universidades gozam de autonomia didático-científica, administrativa e de gestão financeira e patrimonial, e obedecerão ao princípio de indissociabilidade entre ensino pesquisa e extensão.” Normalmente a pesquisa é realizada no ambiente acadêmico durante o trabalho de conclusão de curso ou ainda em projetos de iniciação científica que comumente possuem os custos subsidiados por órgãos que financiam pesquisas como o Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), a Fundação de Amparo a Ciência e Tecnologia de Pernambuco (FACEPE) ou a Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), mas ainda assim nem todo graduando tem a possibilidade de se dedicar profundamente à pesquisas e muitos passam pelo ensino superior sem vivenciar de forma completa essa experiência.

Quanto à extensão, o primeiro registro legal da extensão universitária data do ano de 1931 no decreto de lei nº 19.851: “à extensão cabe: divulgar as atividades técnicas e científicas da universidade através de cursos e conferências.” Onde pretendia-se estender para a sociedade civil os saberes gerados academicamente (FARIAS, FARIAS e SOARES, 2010).



Esse conceito de extensão foi se modificando ao longo do tempo e atualmente há um esforço para a existência de uma relação dialógica: não mais apenas divulgar o saber universitário, mas também aprender com as pessoas de fora da academia os chamados saberes populares, propondo um diálogo entre as diversas formas de conhecimento. Uma extensão pautada na comunicação entre os indivíduos e não em uma transferência de saberes é defendida por Paulo Freire em seu livro “Extensão ou comunicação?”, de 1977. O autor chama atenção ao costume antidialógico de conduzir o extensionismo onde um sistema de valores é imposto de maneira mecânica a indivíduos sem que seja levado em consideração sua realidade sociocultural. A extensão deve ser pautada na comunicação entre os variados sujeitos, na problematização do conhecimento e na ligação desses conhecimentos com realidade concreta.

Já o ensino pode ocorrer em diversos momentos para além da sala de aula. No curso de Ciências Sociais da UFRPE além de variados eventos onde ocorrem palestras, mesas redondas e outras atividades realizadas pelas diferentes áreas do curso - sociologia, antropologia, ciência política e filosofia - e abrangendo diferentes temas, temos a Semana de Ciências Sociais onde são realizados GTs (Grupos de Trabalho), minicursos, debates, mesas redondas e outras atividades onde a troca de saberes ocorre de uma maneira mais dialógica, onde os estudantes apresentam suas pesquisas e tem-se a participação de pessoas que não fazem parte do Departamento de Ciências Sociais da UFRPE, sejam estudantes ou professores de outras instituições, integrantes de movimentos sociais, etc.

Outro importante meio de acesso à atividade de estudo - e às vezes à pesquisa - são os grupos de estudos onde um professor responsável se reúne com estudantes e outros professores (normalmente semanalmente ou quinzenalmente) para discutir temas, realizarem atividades e produzirem conteúdos referentes a um determinado assunto. Na coordenação do curso de Ciências Sociais os grupos de estudos que se encontram registrados¹⁴ são:

- Grupo de Estudo Teoria Crítica - Marcos André de Barros
- Grupo de Estudos de Diversidade Religiosa e Intolerância - Rosa Maria de Aquino
- Espaço Rural e Urbano, Econômico e Meio Ambiente no Desenvolvimento Social - Maria Gilca Pinto Xavier
- Educação, Sociedade e Meio Ambiente - Tarcísio Augusto Alves da Silva
- Curupiras: Colonialidades e outras Epistemologias - Júlia Figueredo Benzaquen
- Comunicação, Direitos, Cidadania e Mudanças Sociais- Giuseppa Maria Daniel Spenillo
- Estado Ético: A Perspectiva Hegeliana e sua Aplicabilidade Política Contemporânea -

¹⁴ Os dados foram recolhidos durante o ano de 2018.



Alessandra Uchôa Sisnando.

Sabemos, no entanto, que alguns desses grupos não estão ativos no momento e existem grupos que estão ativos, mas não estão devidamente registrados e, portanto, não aparecem neste levantamento.

Ainda no âmbito das práticas de ensino, são oferecidas no Departamento de Ciências Sociais vagas para monitoria de disciplinas do curso. Abre-se um edital onde são divulgadas as disciplinas que aceitarão monitores e os estudantes interessados podem concorrer à vaga de monitor referente à disciplina de interesse, desde que já a tenham cursado. Os aprovados devem colaborar com os professores e acompanhar os estudantes matriculados na disciplina, esses discentes monitores recebem certificado de participação no Programa de Monitoria e uma bolsa durante o período em que estiverem vinculados ao programa. Pode-se também ser monitor voluntário, esses não recebem a bolsa, mas tem direito ao certificado.

Um problema observado em muitas universidades, assim como no curso de Ciências Sociais da UFRPE, é uma maior valorização do ensino e da pesquisa em detrimento a extensão que acaba por ser vista apenas como um complemento opcional. Necessita-se de uma maior articulação entre as esferas do ensino, pesquisa e extensão para que essas não ocorram de maneira isolada e sim correlacionada.

Tendo isso em mente, neste trabalho buscaremos descrever e analisar as práticas pedagógicas do Curso de Ciências Sociais da Universidade Federal Rural de Pernambuco e como estas se relacionam com os saberes não acadêmicos através da análise das práticas de ensino, pesquisa e extensão realizadas pelo Departamento de Ciências Sociais, além de entrevistar docentes e discentes do referido curso a fim de compreender como esses sujeitos avaliam o Curso de Bacharelado em Ciências Sociais da UFRPE.

Metodologia

O primeiro passo realizado foi a revisão de literatura referente à história da universidade latino americana e contexto da universidade brasileira, assim como sobre a relação entre universidade e movimentos sociais, na pretensão de observar a relação entre universidade e sociedade. Juntamente com o referencial teórico foram realizadas observações das atividades desenvolvidas no Departamento de Ciências Sociais buscando identificar de que forma as práticas pedagógicas facilitam ou não o diálogo com os espaços para além da universidade. Assim, foi realizada observação participante nos diversos espaços onde atua o Departamento de Ciências Sociais, como palestras, rodas de diálogos, reuniões etc.



É importante salientar que, enquanto estudantes do curso de Ciências Sociais da Universidade Federal Rural de Pernambuco, a equipe do projeto é parte do ‘objeto’ de pesquisa. O que pode ser conveniente, mas também desfavorável, já que, enquanto parte do contexto estudado, temos vivências, observações e concepções anteriores e exteriores ao momento da pesquisa.

Foram realizadas entrevistas com estudantes dos oito períodos do curso de Ciências Sociais - um estudante de cada período, incluindo assim discentes do período vespertino e noturno - assim como com docentes das diferentes áreas do departamento a fim de compreender melhor as práticas pedagógicas e o funcionamento das comissões de pesquisa, ensino e extensão. Foi utilizado o método das entrevistas semiestruturadas que combina perguntas fechadas e abertas, em que o entrevistado tem a possibilidade de discorrer sobre o tema em questão sem se prender à indagação formulada (MINAYO, 2002).

Houve também a análise documental do Projeto Pedagógico do Curso (PPC) de Ciências Sociais e de documentos que se encontram na direção e coordenação do curso referente aos projetos e grupos de estudo, pesquisa e extensão do departamento.

As Ciências Sociais na URFPE

A fim de identificar como os estudantes de ciências sociais da UFRPE percebem o curso, seus saberes e suas práticas, foram entrevistados oito deles, um de cada período; Foi possível notar em diversas falas que é comum a dificuldade em colocar em prática o que é aprendido nas salas de aula, muitos notam que, por mais que os conteúdos estudados tratem da sociedade, esses conhecimentos dificilmente são transportados para fora da academia. Discentes relatam que seria interessante uma maior quantidade de aulas práticas e visitas a campo, o que é surpreendentemente raro no curso de Ciências Sociais. Um discente, quando perguntado se o curso de Ciências Sociais da UFRPE dialoga com a sociedade, respondeu:

Era pra dialogar mais, eu acho. É uma coisa que a gente conversa muito entre si. É um curso que, pelo menos aqui na Rural, não sei como é na Federal, não dialoga tanto com o entorno como a gente vê em outros cursos, tipo Educação Física que dialoga muito mais do que Ciências Sociais [...]. Aqui em Dois Irmãos, por exemplo, podia ser bem mais (Discente 1 em entrevista no dia 09 de novembro de 2017).

O curso de educação física, como citou o discente entrevistado, demonstra ter um diálogo mais próximo com a sociedade extramuros, sobretudo com os moradores que vivem ao



redor da sede da UFRPE através de projetos de dança, esportes e diversas outras atividades que beneficiam os moradores das comunidades próximas. No curso de Ciências Sociais normalmente se vai a campo para realizar atividades das disciplinas da área da antropologia, mas não frequentemente. Uma boa maneira de criar um contato mais próximo com a realidade e os saberes extramuros se dá através dos projetos de extensão, no entanto, percebemos que há uma quantidade ainda pequena de projetos de extensão vinculados ao departamento de Ciências Sociais, é ainda menor a quantidade desses projetos que recebem alguma ajuda de custo. Houve, inclusive, uma diminuição na quantidade de projetos de extensão aprovados, ou seja, menos bolsas são ofertadas.

Entre os anos de 2016 e 2018 a quantidade de projetos aprovados pelo edital BEXT - que oferta bolsas de ajuda de custo para projetos de extensão - caiu consideravelmente, como vemos na tabela a seguir:

BEXT / Ano	2016	2018
Quantidades de projetos aprovados no Campus de Recife	158	62

É importante ressaltar que no último edital divulgado durante o período dessa pesquisa, referente ao ano de 2018, apenas três projetos coordenados por professores do departamento de Ciências Sociais foram selecionados para receber o auxílio financeiro das bolsas. Por outro lado as bolsas destinadas a projetos de iniciação científica à pesquisa não sofreram tanta diminuição, como pode-se ver na tabela a seguir, que apresenta o número de bolsas do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (PIBIC) ofertadas entre os anos de 2015 e 2018:

PIBIC/Ano	2015-2016	2016-2017	2017-2018
Quantidade de projetos aprovados na UFRPE	283	250	280

No último edital divulgado, correspondente aos anos de 2017-2018, três bolsas foram destinadas a projetos do Departamento de Ciências Sociais.

Na visão de estudantes entrevistados a aproximação com atividades de pesquisa e extensão facilitam visualizar na prática as atividades realizadas pelo cientista social, permitindo a identificação de áreas de atuação para além da vida acadêmica. Ambientes além sala de aula - como grupos de estudos, monitorias e projetos de extensão - são apontados como possuidores de grande importância para a formação acadêmica, como demonstra a fala de um discente do sexto período quando perguntado se percebe importância dessas atividades:



Sem sombra de dúvida. Se você for parar pra analisar o que o curso dá como conteúdo e o que ele não dá, o que fica faltando no curso é exatamente a prática e a prática você encontra em projeto de pesquisa, extensão. Até assuntos que não são dados em sala de aula são dados em grupos de estudo, por exemplo (Discente 2, em entrevista no dia 8 de novembro de 2017).

O problema da falta de prática no curso se agrava quando tratamos de turmas do turno noturno que é formada, na maioria das vezes, por pessoas que trabalham durante o dia. Demonstra-se um desafio ainda maior engajar esses estudantes em projetos extraclasse, seja extensão, pesquisa, monitoria ou qualquer outro.

Nas entrevistas com discentes indagou-se ainda, tendo em mente a discussão já apresentada sobre currículo e didática, sobre os conteúdos do curso e as formas como são ministradas as aulas. Os estudantes entrevistados se dizem satisfeitos com o conteúdo abordado nas disciplinas, mas chamam atenção para a necessidade de uma maior quantidade de teóricos latino-americanos e, principalmente, brasileiros. Não é difícil, inclusive, presenciar durante as aulas alguns estudantes pedindo por conteúdos e autores próprios da realidade nacional. Em relação à didática e à metodologia abordada em sala de aula há sempre experiências positivas e negativas. Como nota-se na fala do terceiro discente entrevistado:

Acho que varia de professor para professor. Porque do mesmo jeito que tem professores aqui que tem uma didática legal [...] Que é bem próximo do aluno. A proximidade com o aluno, na minha opinião, facilita o aprendizado, entendeu? Porque você se sente mais à vontade para conversar e tirar dúvida. Só que também tem professores que tem uma didática horrível (Discente 3 em entrevista no dia 20 de novembro de 2017)

Discentes vêm como negativa a experiência com professores que, segundo eles, possuem didáticas engessadas e desatualizadas, com pouco diálogo com os estudantes. Enquanto professores com um método mais dialógico e aberto às sugestões são vistos de maneira positiva.

Foram feitas também entrevistas com professores do Departamento de Ciências Sociais a fim de entender melhor suas metodologias e práticas em sala de aula. Os docentes entrevistados buscam trabalhar de uma forma participativa com seus alunos, combinando aula expositiva dialogada, onde os discentes são incentivados a comentarem o texto lido e levantar questões, há seminários e também a busca de um maior envolvimento através da produção, por parte dos estudantes, de resumos e fichamentos do conteúdo trabalhado em sala.



Pontos em comum foram levantados pelos docentes quando perguntados sobre as melhorias necessárias para o Curso de Ciências Sociais na UFRPE, por exemplo, a falta de entrosamento entre as disciplinas da matriz curricular que se organizam no sentido horizontal e vertical com o objetivo de que haja uma continuidade nas disciplinas e nos conteúdos abordados, mas que na prática, muitas vezes, acaba por não funcionar, seja porque os estudantes não seguem a matriz curricular da maneira que esta é proposta, seja pela falta de diálogo entre os docentes responsáveis por cada disciplina. Assim, foi chamada a atenção para o papel de coordenador de período, um professor responsável por manter uma melhor comunicação entre as diferentes disciplinas de cada período. Chegou a haver um coordenador para o primeiro período em alguns semestres, mas não para os demais períodos.

Falou-se também da importância de um curso de licenciatura e cursos de pós-graduação na área de Ciências Sociais, já que há estudantes que pretendem seguir carreira acadêmica. Podemos ver esses pontos na fala de um dos docentes entrevistados:

Ah, temos muitos (aspectos a serem melhorados no curso de ciências sociais), com certeza. Eu acho que começa por uma integração maior do próprio departamento, integração das atividades de ensino que a gente ainda não tem, né? Exemplo disso que eu falei, não tem um coordenador, um trabalho de coordenação ou de pensar projetos, por exemplo, que sejam comuns em cada ano para o curso, que a gente pudesse integrar as diferentes disciplinas, a gente não tem. Acho, que um devido envolvimento dos estudantes com as atividades de pesquisa e extensão por que acho que tem uma quantidade ainda reduzida de professores fazendo pesquisa e extensão no departamento[...] E fora isso, acho que a gente precisa investir muito num trabalho que é na possibilidade de constituir uma licenciatura e a gente conseguir fazer pós-graduação para que aqueles alunos que queiram fazer vida acadêmica. Eles têm necessariamente que sair dessa universidade. E isso eu acho que ter uma pós-graduação aqui no nosso departamento é algo não só para fortalecer os alunos, mas também para fortalecer a atuação profissional do nosso corpo docente (Docente 1 em entrevista no dia 13 de novembro de 2017).

Pontos semelhantes foram levantados por outro docente:

[...] Uma perspectiva é esse negócio da horizontalidade¹⁵ (...) a gente ainda tem muita limitação nisso, a gente precisa de cuidar um pouco mais disso e avançar, e a verticalidade¹⁶ que a gente no começo do plano criou o papel do coordenador do período.[...] e da perspectiva do mundo do trabalho eu acho que curso de li-

¹⁵ No PPC a horizontalidade se refere à forma pela qual disciplinas da mesma área de conhecimento dialogam entre diferentes períodos do curso.

¹⁶ No PPC a verticalidade se refere a forma pela qual as disciplinas de um mesmo período dialogam.



cenciatura é uma coisa que a gente tem falado muito porque anima os estudantes para ampliar a possibilidade de seu mercado de trabalho, então você ter um curso, como em outros lugares, em geral tem curso de bacharelado e de licenciatura acho que é uma coisa necessária para o nosso curso[...] São coisas que motivam, que entusiasma mais o estudante a esse pertencimento e a dedicação de ser um estudante bacana pra poder justamente preparar-se para o mercado de trabalho (Docente 2 em entrevista no dia 14 de novembro de 2017).

Estudantes e professores chamaram atenção para a falta de certas disciplinas obrigatórias na matriz curricular - como a de estatística, por exemplo - e a necessidade de uma maior variedade de disciplinas optativas, no entanto, discentes dos últimos períodos que tiveram acesso à antiga matriz curricular, apontam que há uma melhora na atual matriz curricular. Apesar de poucos estudantes conhecerem o atual Projeto Pedagógico do Curso, aqueles que conhecem o aprovam e reconhecem o esforço dos docentes e técnicos na construção de um curso melhor.

Recentemente houve o processo de eleição para a direção do Departamento de Ciências Sociais e coordenação do curso de Bacharelado em Ciências Sociais, assim foram incorporados novos objetivos ao planejamento estratégico do Departamento que visa o melhoramento do curso. Dentre esses novos esforços chamamos atenção para as comissões de pesquisa e extensão que recentemente começaram a promover eventos que tem como objetivo divulgar os trabalhos realizados no Departamento e assim encorajar os discentes a se envolverem nessas atividades.

Até então foi realizado o primeiro seminário de pesquisa do DECISO que ocorreu no dia 24 de novembro de 2017 tendo como objetivo divulgar as pesquisas realizadas no departamento de Ciências Sociais e buscando iniciar um costume de exposição de temas, métodos e resultados das pesquisas. Como esse foi o primeiro seminário, apenas docentes apresentaram seus trabalhos, mas no futuro espera-se a participação de estudantes. O tema escolhido foi gênero e três professoras apresentaram suas pesquisas para docentes e discentes presentes: A professora Maria do Rosário de Fátima Andrade Leitão apresentou sua pesquisa sobre Mulher e Ciência; A professora Maria Grazia Cribari Cardoso expôs uma pesquisa em andamento sobre o trabalho feminino de cozinheiras em terreiros de Recife e Olinda; e a professora Andrea Lorena Butto Zarzar apresentou sua pesquisa sobre movimentos sociais e mulheres rurais. Neste dia os professores foram encorajados a liberarem as turmas em que administravam aula para que o maior número possível de estudantes pudessem participar.

Houve também o primeiro seminário de extensão, que aconteceu no dia 11 de dezembro 2017. Se encontravam no evento o então diretor do departamento, Carlos Pontes, a Pro-



fessora Júlia Benzaquen que faz parte da comissão de extensão, representantes da pró-reitoria de pesquisa e da pró-reitoria de extensão, além da professora convidada Lúcia Marisy, que atualmente está na Pró-Reitoria de Extensão da Universidade Federal do Vale do São Francisco (UNIVASF). A princípio houve uma pequena palestra sobre a trajetória da extensão no país e em seguida foi bastante discutida a importância dos saberes populares e como esses podem e devem dialogar com os saberes universitários. Foi levantado também o debate sobre a indissociabilidade do ensino, pesquisa e extensão e a importância do equilíbrio entre os três para uma boa formação acadêmica. Muitos estudantes e professores presentes concordaram que não há o equilíbrio necessário no curso de Ciências Sociais da UFRPE, já que a extensão, muitas vezes, não é tratada com a mesma importância dada à pesquisa e ao ensino.

Uma discussão bastante parecida ocorreu durante uma mesa sobre extensão universitária que ocorreu durante a Jornada de Ensino, Pesquisa e Extensão (JEPEX), proposto pelo DECISO (Departamento de Ciências Sociais). Pode-se notar nesse evento que vários alunos tinham interesse em participar de atividades de extensão, mas não conhecem o procedimento e nem professores engajados em tais projetos. No entanto, notou-se também que o Departamento de Ciências Sociais, principalmente os professores que fazem parte da comissão de extensão, vem tentando levantar a discussão sobre a importância da extensão durante a formação universitária.

No planejamento do DECISO aparecem propostas interessantes que podem contornar as deficiências anteriormente aqui explicitadas, como levantar ações de pesquisa, ensino e extensão em parceria com outros departamentos e instituições, o que além de trazer novos projetos, visa também um diálogo entre diversas áreas do saber. Há ainda uma proposta de ampliar a oferta de disciplinas optativas e obrigatórias no curso de Ciências Sociais, além de oferecer novas disciplinas para outros cursos da UFRPE.

Considerações Finais

Percebemos que as práticas pedagógicas e os saberes universitários, que são passados através do tripé do ensino, pesquisa e extensão foram se tornando mais dialógicos ao longo do tempo, buscando não apenas reproduzir e estender o saber científico, mas também travar um diálogo com outros saberes. Importante lembrar que este é um processo de constante melhoria e ainda há grandes debates acerca da lógica produtivista e mercantilista que possui o sistema universitário, o que se agrava em tempos de diminuição de investimentos por parte do Estado, levando universidades públicas à, cada vez mais, travarem relações com o setor privado.



A partir da observação e análise dos dados recolhidos notamos que ainda há uma deficiência no diálogo entre os saberes universitários e os saberes extramuros, sobretudo no âmbito do ensino que muitas vezes está bastante restrito ao ambiente universitário da sala de aula, possuindo apenas momentos pontuais de diálogo com os saberes considerados não científicos. Os projetos de extensão e pesquisa por vezes possibilitam um maior contato com variadas formas de conhecimento, sobretudo quando tem-se uma preocupação para que essa relação se dê de maneira dialógica, assim chamamos atenção para o baixo número de projetos, tanto de pesquisa como de extensão, que estão vinculados ao Departamento de Ciências Sociais.

Por outro lado, é possível notar através da participação nos variados eventos assim como nas entrevistas com os estudantes e professores, que os integrantes do Departamento de Ciências Sociais da UFRPE estão cientes da insuficiência de diálogo com as variadas formas de saber não científicas e há um esforço por parte dos professores e interesse por parte dos discentes para o melhoramento deste diálogo.

Vimos também que os docentes do Departamento levantaram pontos em comum quando perguntados sobre as melhorias necessárias para o Curso de Bacharelado em Ciências Sociais, como um maior entrosamento entre as disciplinas da matriz curricular e uma maior comunicação entre os professores do Departamento, chegando a serem propostos eventos e projetos que unam as diferentes áreas do curso. Há também metas que demandam um maior prazo como a construção de pós-graduação - já está em andamento a construção do mestrado profissional de antropologia¹⁷- e de um curso de Licenciatura em Ciências Sociais¹⁸. Enquanto isso os estudantes dizem notar e apreciar os esforços feitos pelo departamento para a melhoria do curso, mas chamam atenção para a metodologia de alguns professores, para a limitação de diálogo com a sociedade extramuros e para o caráter eurocêntrico dos conteúdos abordados durante a graduação. Os discentes sentem a necessidade de uma maior quantidade de teóricos latino-americanos e, principalmente, brasileiros para que o abordado e discutido em sala de aula se torne mais próximo da realidade dos estudantes.

De maneira geral, constatou-se que o Departamento de Ciências Sociais da Universidade Federal Rural de Pernambuco vem buscando constantemente melhorar o curso, seja nas reformulações por qual passou o Projeto Pedagógico do Curso, na criação de novas disciplinas que buscam atender demandas sentidas pelos discentes e docentes, no esforço de garantir um maior diálogo com os saberes extramuros etc.

¹⁷ A proposta não foi aprovada e está temporariamente suspensa. No entanto, no ano de 2019 iniciou-se o processo de abertura do mestrado acadêmico em Ciências Sociais na UFRPE.

¹⁸ Em pleno de departamento foi definido que a prioridade seria a criação do mestrado, para só então seguir pra construção da proposta de licenciatura.



Muitos dos aspectos que precisam de melhoria e que foram percebidos nessa pesquisa são de conhecimento da coordenação e direção do curso e há o trabalho para um melhoramento. Ainda assim é relevante uma discussão mais aprofundada sobre o currículo do curso e se demonstra necessária uma maior reflexão acerca da baixa quantidade de projetos de pesquisa e extensão do Curso de Ciências Sociais contemplados nos editais da Universidade Federal Rural de Pernambuco.

REFERÊNCIAS

ALTBACH, Philip G. **Educación Superior Comparada: El conocimiento, la Universidad y el desarrollo** - Buenos Aires: Universidad de Palermo, 2001.

ANTUNES, I; BANDEIRA, T; SILVA, R. **A Reforma Universitária de 1968 e as Transformações nas Instituições de Ensino Superior**. Departamento de História- UFRN, 2013.

BENZAQUEN, J. **A Socialização para cooperação: Uma análise de práticas de educação não-formal** - Estudos de Sociologia, Rev, do Progr. de Pós-Graduação em Sociologia da UFPE, v. 12, n. 1, p. 79-97, 2011.

FARIAS; M, FARIAS; M. SOARES; L. **Ensino, Pesquisa e Extensão: Histórico, Abordagens, Conceito e Considerações**. Em Extensão, Uberlândia v.9, n 1, p. 11-18, jan/jul. 2010.

FÁVERO, Maria de Lourdes de Albuquerque. **A Universidade no Brasil: das origens à Reforma Universitária de 1968**. Educar, Curitiba, n. 28, p. 17-36, Editora UFPR, 2006.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido** - 1.ª ed. - Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2002.

GOMES, Nilma Lino. **Relações Étnico-Raciais, Educação e Descolonização dos Currículos**. Currículo sem Fronteiras, v.12, n.1, pp. 98-109, Jan/Abr. 2012.

MINAYO, Maria Cecília de Souza (org.). **Pesquisa Social: Teoria, Método e Criatividade**. 21ª. ed. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2002.

NOVAES, Henrique T. **Reatando um fio interrompido: A relação universidade-movimentos sociais na América Latina**. Expressão Popular, 2012.

SANTOS, Boaventura de Sousa. **A Universidade no século XXI: Para uma reforma democrática e emancipatória da universidade**. - 3ª ed. - São Paulo: Cortez, 2011.

SVARTMAN, Bernardo Parodi. **A universidade pública em tempos neoliberais: comentários sobre o livro Universidade, cidade, cidadania**. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-40142016000100323 acesso em 12 de junho de 2018.



UFRPE. **Projeto Pedagógico do Curso de Bacharelado em Ciências Sociais. Recife:** Coordenação do Curso de Bacharelado em Ciências Sociais / UFRPE, 2012. Disponível em <http://www.ufrpe.br/br/content/bacharelado-em-ciencias-sociais>

WEINBERG, G. **De lallustración a la Reforma Universitaria: Ideas y protagonistas.** Buenos Aires: Santillana, 2001.